# HEROINA NACIONAL

## BARBARA DE ALENCAR

Carreando a minha pedra para o monumento que, no norte do paiz, se tentou levantar em commemoração do primeiro centenario da revolução de 1817, escrevi um livro, sob a forma dramatica, intitulado «D. Barbara». Não é preciso dizer aqui que tal livro se refere aos factos occorridos no Ceará. Foi elle impresso e publicado em Belem, Capital do Pará, e, não podendo ser lançado a publico a 6 de Março de 1917, dia da commemoração da revolução em Pernambuco, a qual foi rememorada com festas civicas em Belem, o foi, porem, alguns dias depois. Este livro mereceu criticas benevolas e criticas desabonadoras. A umas e outras não me é dado julgar. Não sei bem si aqui será lugar opportuno para dar uma satisfação: o meu livro ficou sem revisão de provas. Empenhado em concorrer com elle á referida commemoração, e, empenhado, tambem, em luctas politicas, com o fim de collocar no governo do Pará o Sr. Dr. Lauro Sodré, fui forçado a me retirar para o municipio do interior, onde disponho de representação eleitoral, deixando os originaes na casa typographica em que foi impresso. Encarregado das prôvas deixei um brilhante poeta, que, ao mesmo tempo, fasia nas ruas discursos arrojados de propaganda, dando em resultado o seguinte:—o Sr. Dr. Lauro Sodré ir para o governo de sua bôa terra e o meu livro ficar absolutamente sem revisão. Foi grande o

meu desapontamento, e quasi resolvo não lançar o livro em circulação.

Dado este pequeno *cavaco* com o qual não quero, emtanto, me desculpar dos defeitos reaes que nelle descobriram alguns criticos, passo a refutar uma injustiça, não feita ao meu trabalho, mas á sua heroina.

O secretario do Instituto Archeologico de Pernambuco, Sr. Mario Mello, escreveu para um jornal diario de Belem, entre outras cousas, as seguintes:

«—O Sr. José Carvalho, tresneto de D. Barbara, acaba de publicar um drama em verso, tendo tomado para titulo o nome de sua ascendente.

«Acabo de o ler. Fico em difficuldades para diser com franqueza o que penso, pois deante de mim está a opinião do velho João Brigido—um dos maiores chronistas do Ceará—considerando o livro do Sr. Carvalho de alto valor.

«Irei por partes. O Sr. José Carvalho baseia sua peça no facto historico, na lenda, na tradição e na phantasia.

«O typo que elle descreve é, inquestionavelmente, maior do que teria sido o original. D. Barbara apparece no drama como admiravel modelo de virtudes. Era, entretanto, a amasia do vigario Miguel Carlos de quem José Martiniano teria sido filho, não obstante o portuguez José Gonçalves dos Santos lhe fingir de marido para effeitos de direito antigo: pae é quem demostra o legitimo casamento....

«Aliás quasi todos os padres daquelle tempo tinham a sua «camarada».

«João Ribeiro andava a secular; Roma deixou o general Abreu e Lima; frei Caneca fez versos ás filhas nas vesperas do sacrificio.

«Monsenhor Muniz Tavares, o chronista da Revolução, diz claramente que Martiniano fêz tudo para converter o vigario Miguel «seu bom pae». Mas este, não indo alem do breviario e «pensando unicamente na salvação do «filho», o supplicou de desistir da empreza.

«Escrevendo a biographia de José Martiniano diz

o barão de Studart no «Diccionario bio-bibliographico cearense: «Nasceu no povoado de Barbalha, então pertencente ao Crato, a 18 de Outubro de 1794 e «teve por mãe» uma heroina D. Barbara de Alencar, «mulher que era do negociante portuguez José Gonçalves dos Santos».

«Não se pode falar mais claro».

E o Sr. Mario Mello prosegue na sua critica a encarar o valor litterario do livro.

Entendi não deixar passar sem resposta este artigo e o fiz pela «Folha do Norte», jornal de 5 de Outubro de 1917, nos seguintes termos:

—Inserto no jornal «Estado do Pará», de 29 de Agosto, datado de Pernambuco e assignado por M, lê-se um artigo sobre D. Barbara de Alencar e sobre um livro que, com o nome dessa heroina, publiquei em Belem, ao tempo recente da commemoração do primeiro centenario da revolução de 1817, e da qual foi ella no Ceará a «figura primeira» no diser de João Brigido, e cousa que se nega no alludido artigo.

O Sr. Mario Mello, secretario do Instituto Archeologico e Geographico de Pernambuco, tendo me escripto manifestando desejos de ler este livro, depois de o haver recebido, escreveu-me ainda, em postal aberto, disendo-me, com edificação dos empregados fiscaes, que, por ventura, o leram, que tal livro não lhe tinha agradado, e que delle se occuparia na imprensa paraense e pelo jornal acima referido. O artigo, pois, pertence ao Sr. Mario Mello.

E como, sem duvida, nem todos os leitores da «Folha» o tenham lido, torna-se necessario transcrever aqui os topicos que vão ter a devida resposta.

Entre outras cousas das quaes se deduz que nenhuma importancia historica merecia a heroina cearense, disse o secretario do Instituto:

«O typo que elle descreve é, inquestionavelmente, maior do que teria sido o original. D. Barbara apparece

no drama como admiravel modelo de virtudes. Era, entretanto, a amasia do vigario Miguel Carlos de quem José Martiniano teria sido filho, não obstante o portuguez José Gonçalves dos Santos lhe fingir de marido para effeitos de direito antigo: pae é quem demostra o legitimo casamento...»

Isto que aqui se lê foi escripto, publicado e se acha textualmente transcripto.

Quem o escreveu, tendo, sem duvida, pejo de assignar, carimbando-o apenas com uma inicial esconsa, é um moço que se diz patriota, secretario de um Instituto que, ha pouco tempo, promoveu estrondosas festas civicas com o fim de relembrar os nomes, os trabalhos, os soffrimentos, os ideaes dos patriotas e martyres brasileiros de 1817.

O facto de se ter escoado já um seculo sobre uma tal personagem não autorisa e nem desculpa a quem quer que seja atirar-se contra sua memoria com tanta desenvoltura e insania.

Que idea deve formar o Sr. Mario Mello da reputação, da honra e da memoria de uma mulher cujo nome está, desde tanto tempo, incorporado á nossa historia e ás nossas glorias, com tanto direito a ellas como todos os heroes daquella memoravel jornada?

Que intuitos, que resultados praticos visava o secretario do Instituto de Pernambuco, quando, concorrendo com o seu esforço e com as suas luses, festejava com tanta pompa, em março deste anno, os heroes de 17?

Será, por ventura, tão apoucado o seu espirito, que quisesse ou pretendesse glorificar somente os heroes de Pernambuco, amesquinhando, nullificando, denegrindo ou deshonrando os demais que pernambucanos não sejam? Será, por outra forma, tão vaidoso ou egoista, que, procurando glorificar os martyres daquelle tempo, só pretendesse, em verdade, chamar glorias e reclamos para seu proprio nome? Todas essas conjecturas me suggeriu a leitura daquelle trecho, que,—custa acreditar —tenha sido escripto por um moço illustrado e patriota,

e, demais, bacharel, que vem affirmar em publico — «QUE PARA EFFEITOS DE DIREITO ANTIGO, PAE E' QUEM DEMOSTRA O LEGITIMO CASAMENTO;—como si o direito novo tivesse derrocado uma tal presumpção.

A theoria enunciada pelo Sr. Mario Mello é de um effeito perigosissimo, porque elle proprio não estará livre de que um calumniador qualquer lhe venha macular a memoria, atirando sobre sua paternidade uma aleivosia egual a de que foram victimas dona Barbara e o senador Alencar, pae do nosso immortal romancista.

Essa mulher digna somente de nossa admiração, foi acerbamente calumniada pelos inimigos realistas daquella epoca que a martyrisaram.

Uma tal calumnia foi registada por chronistas pouco escrupulosos e vae agora repetida, tão desassombradamente, pelo secretario do Instituto Geographico de Pernambuco.

Querendo, ainda, corroborar o seu asserto sobre a deshonra da heroina cearense, continua o mesmo noticiador do meu livro:

«Escrevendo a biographia de José Martiniano diz o Barão de Studart no «Diccionario Bio-bibliographico Cearense»: Nasceu no povoado de Barbalha, então pertencente ao Crato, a 18 de Outubro de 1794 e «teve por mãe» uma heroina D. Barbara de Alencar, «mulher que era do negociante portuguez José Gonçalves dos Santos».

Não vejo que nessa forma de se expressar quisesse o illustre chronista cearense (Barão de Studart) ser «tão claro» reproduzindo a calumnia sobre a paternidade de José Martiniano.

Não quisera elle, apenas, frizar que o seu biographado era filho da heroina, cujo marido ficando sem importancia na historia, era, ademais, portuguez? A conclusão do Sr. Mario é, pois, forçadissima.

Passemos agora á verdade dos factos: Ha poucos dias escrevi e remetti para o «Unitario» do Ceará um pequeno artigo sobre este mesmo assumpto.

Este artigo foi provocado por uma longa carta que

me escreveu o velho e illustre chronista cearense João Brigido sobre cousas controvertidas e duvidosas da historia de 17.

«—Pinto Madeira, me disia o chronista, não logrou prender D. Barbara; ella foi capturada na sua fazenda de crear denominada Cipó, onde se achava, tambem, o vigario Miguel Carlos, que lhe conspurcou a memoria, tornando fixa a idéa entre os sobreviventes de ser filho de Miguel Carlos o senador padre Alencar e disso provir a successão que coube a esta na fortuna desse avarento».

Tive que refutar, em carta particular, a opinião de João Brigido sobre a prisão de dona Barbara, e apresentei-lhe as razões, todas baseadas nas tradições da familia, pelas quaes se pode crer que tal prisão se deu como a descrevi no meu livro (A SCENA NO SITIO E CASA DE D. MATHILDE TELLES).

Escrevi-lhe, tambem, sobre o dinheiro do padre.

Em outro trecho da alludida carta disia-me ainda o provecto historiador—«Mulher branca, rica e afamiliada com figuras poderosas no sertão do Ceará e Pernambuco, pessôa de primeira estima do vigario do Crato que, como seus collegas da localidade, primava no Cariri, dona Barbara não deixava de incorrer na aversão da mestiçajem do Cariri pela soberba e fidalguia dos seus modos.

«Mui intelligente, lida e corrida era a primeira senhora daquella região.

«Arruda Camara a tinha apontado já de tempo como chefe futuro dos patriotas do Crato quando chegasse a vêz de erguerem o collo em Pernambuco *ergo* no Cariri, centro de grande população rude e supersticiosa».

No emtanto o secretario do Instituto de Pernambuco nega a essa mulher qualquer importancia nos acontecimentos, e só lhe confere, como verdadeiro, o labéo da deshonra.

Inda mesmo que o facto fosse verdadeiro e provado—o que está muito longe de ser—que interesse,

que intuitos, que fim, moveram o Sr. Mario Mello a trazel-o para a imprensa, depois de um seculo e quando se trata de commemorar os feitos gloriosos daquelles de cuja élite ella faz parte, inquestionavelmente?

Dona Barbara não teve só um filho—José Martiniano; era mãe tambem de Tristão, um formoso typo de homem, bello como um Appollo e ousado como um Titan, do qual João Brigido ainda na mesma carta me diz:—«O irmão no emtanto (Tristão) era praticamente um homem bem preparado para o tempo. Tinha convivido largamente nas prisões da Bahia, com muitas illustrações contemporaneas que foram ter a ellas. Era violento, imprudente e precipitado, não trepidando ante odioso algum; valente como as armas, tinha nascido para commandar e onde se achava impunha-se como chefe».

Não nos quererá diser, a nós contemporaneos, o Sr. Mario Mello quem era o «pae» desse heroe, uma vêz que só faz mensão de José Martiniano?

Dona Barbara teve ainda outro filho illustre que foi assassinado ou martyrisado por amor da mesma causa:—o padre Carlos de Alencar.—Quem foi, ainda, o seu «pae» desde que o portuguez, no diser do Sr. Mello «fingia de marido para effeito do direito antigo»?

Porque foi somente José Martiniano o filho adulterino?

Elle fôra, de facto, afilhado do vigario alludido que o queria e o tratava com os extremos de um pae.

Este facto, porem, implicaria necessariamente na deshonra de sua progenitora?

Foi elle, porventura, até hoje, o unico afilhado protegido ou preferido por um vigario de aldeia?

Dona Barbara foi sempre uma mulher de costumes rigorosamente austeros. Foi esta a noticia conservada no seio da familia, atravez das tres gerações, de que faço parte.

Poderia citar aqui exemplos conservados pela tradição, e como não quero me tornar mais extenso, empraso os leitores da «Folha» para a leitura do

artigo que mandei ao «Unitario» sobre o assumpto em questão e que terei de transcrever neste mesmo jornal.

Nelle tratei da «fortuna do avarento», de que fala João Brigido.

Quanto ao merecimento litterario do meu livro, o Sr. Mario Mello lhe faz concessões que me cumpre agradecer, apesar de o achar contradictorio em certas affirmativas. Elle diz por exemplo: - HA ENTRETANTO MUITO PROSAISMO NOS SEUS ALEXANDRINOS e mais adeante accrescenta: -- «QUEM ESCREVEU «D. BARBARA» TEM EVIDENTEMENTE GRADE FORÇA NO COLORIDO.

Mesmo em alexandrinos prosaicos?

«O SCENARIO é pintado com TRAÇOS FORTES. O SR. CARVALHO REPRODUZ BEM OS COSTUMES SERTANEJOS. TER-NOS-IA DADO UM PANEGYRICO ADMIRAVEL SI, EM VÊZ DE DRAMA, TIVESSE ESCRIPTO UM POEMA OU UM ROMANCE».

São concessões que, como já disse, me cumpre agradecer, apesar de ficar em muita duvida sobre a integridade do criterio do meu critico.

Porquanto em outra passagem do seu artigo elle já tinha affirmado: «—Acabo de o ler (o livro). Fico em difficuldades para diser com franquêza o que penso, pois deante de mim está a opinião do velho João Brigido—um dos maiores chronistas do Ceará—considerando o livro do Sr. Carvalho de alto valor».

Ainda bem!

Até aqui o artigo da «Folha». Consta-me que o Sr. Mario Mello voltou com uma resposta procurando se justificar; não o li, porem, por me não chegar ás mãos o jornal em que escreveu.

---

Sob o titulo—«Os ALENCARES DO CRATO—», no «Unitario» de 4 de Outubro de 1917 foi publicado o artigo a que acima alludi, e que aqui se transcreve, tendo o sobre-titulo de—«TRECHO DE UMA CARTA A JOÃO BRIGIDO». Eil-o:

— ..... E' bem verdade que no meu drama «D. BARBARA», se diz que esta, na jarra que entregou ao escravo para enterrar, depositára grandes pés-de-meias cheios de moedas, e, depois, as «arrecadas de ouro»: cordões, brincos, pulseiras e anneis em grande quantidade, e mais toda a «baixella de prata».

Não foi tanto: ha exagero proposital e penso que desculpavel num poema em que, muitas veses, é preciso enfeitar o prosaismo secco das cousas rudes da vida.

A tradição que ficou na familia diz, somente, da baixella de prata (1), depositada no pote enterrado pelo escravo, pote que ficou perdido até hoje.

O dinheiro de D. Barbara teve outro destino: — foi todo parar ás mãos do padre José Martiniano de Alencar, havendo nisto uma flagrante injustiça para com os outros herdeiros. Este facto, como verá adeante, é que deu origem á affirmação propalada pelos inimigos de que tal dinheiro era deixado pelo Miguel Carlos ao filho — José Martiniano — conspurcando-se assim a honra de uma mulher tão illustre, e, posso affirmar com desassombro, tão honesta e honrada como a que mais o fôr.

Minha bisavó D. Luisa, que sempre conviveu com D. Barbara, foi toda a vida, no seio da familia, uma calorosa deffensora das austeras virtudes de sua sogra.

Tão escrupulosa era ella em motivos de honra e de moralidade que não admittia um só escravo amasiado; e, um dia, refugou receber, indignada, uma creança recem-nascida que uma parenta desviada lhe mandára apresentar.

Quando, em 32, rebentou a revolução de Joaquim Pinto, ella viu-se forçada a fugir para a sua fasenda

(1).—D. Luisa, que ajudára a levantar a jarra ao hombro do escravo, disia, sempre, que não sabia se nella ia tambem dinheiro.

N. A.

«Touro», então na provincia de Piauhy (não estavam ainda terminadas as suas provações politicas) e, a meia noite, chamando sua irmã D. Ignacia—que era sua afilhada e filha de creação—lhe dissera ao ouvido:—quero te confiar um segredo:—«manda avisar ao padre José que o dinheiro está guardado no mesmo lugar em que escapou em 17 e 24».

Ora, um tal dinheiro, já occulto em 17, não podia ser a herança de Miguel Carlos, como propalaram os seus maldisentes inimigos politicos.

Onde estaria tal dinheiro?

Vae sabel-o com o leitor:—estava por detraz e debaixo do altar-mór da egreja matriz do Crato. Depois de 32, e, depois seguramente da morte de D. Barbara, José Martiniano, em companhia de seu filho José—o grande romancista, inda bem creança—foi ao Crato, e, diz-se, retirou do esconderijo sagrado todo o dinheiro de sua genitora, sem que se saiba se partilhou com os demais herdeiros, que, naturalmente, estavam ainda na ignorancia do facto.

Esses herdeiros seriam assim, entre outros, a viuva e filhos de Tristão e João Gonçalves, senhor do engenho Pau-secco.

José Martiniano e o filho, que seria, depois, tão celebre, estiveram em visita ao irmão e tio, no referido sitio. João Gonçalves presenteou-os com uma porção de assucar—o fino, cristalino e delicioso assucar que dão certos trechos de terrenos d'aquelle brejo—e, precisando seccal-o ao sol, foi o mesmo estendido em um couro de gado no terreiro, como era de costume.

Então, para BOTAR SENTIDO mandaram o pequeno José, que ficou todo o dia, SENTADINHO em uma cadeira, a enxotar os porcos e demais criações.

O regresso de ambos foi feito pelos sertões do Rio São Francisco. Não sei si todos os leitores leram e se recordam de que José de Alencar no seu livro—«COMO E PORQUE SOU ROMANCISTA» affirma que a idéa do Guarany lhe germinou no cerebro quando,

bem criança, regressára de uma viagem ao Crato, pelo São Francisco (2).

Com que saudades não teria escripto o nosso immortal patricio aquellas linhas, lembrando-se do dia em que no terreiro da casa do Pau-secco BOTÁRA SENTIDO ao couro de assucar, emquanto seu pae, sem duvida, com o resto da familia, falava das grandes cousas do glorioso passado ?

Mais fundo sentimento hoje me punge o coração, ao traçar estas linhas, rememorando a mesma casa onde nasci, o mesmo terreiro onde em criança brinquei, onde tambem BOTEI SENTIDO aos couros de assucar e de legumes; e cujas sombras, quasi desapparecidas, de gloriosos avós que alli viveram, soffreram, foram calumniados por amor da Patria, eu tento aqui resalvar da infamia, e mais ainda, noutra parte, cantar os seus feitos na avêna rude dos meus versos sem arte.

---

Mas esta humilde casa do sitio Pau-secco não teve só a gloria de hospedar o insigne autor de Iracema; hospedou tambem, um dia, um dos mais illustres sabios do passado seculo.

George Gardner, o celebre naturalista inglez, alli tambem esteve e foi segundo a sua propria confissão um amigo affectuoso da familia.

Esta visita occorreu quasi ao mesmo tempo que a de José de Alencar, segundo se deduz do que se vae ler adeante.

E tambem (ha de exultar o sr. Mario Mello) o

---

—(2) Aliás verifiquei, depois, que elle fala somente da volta no Ceará. Mas, com certeza, foi na mesma data.

N. A.

mesmo sabio e amigo affectuoso reprodusiu, ingenuamente, como se verá, a mesma historia da infidelidade conjugal de D. Barbara. A calumnia havia tomado fóros de cidade; e o bom inglez a repetiu, com a aggravante, ainda de attribuir ao vigario todos os filhos da Heroina.

A REVISTA TRIMENSAL DO INSTITUTO DO CEARA', de 1912, sob a direcção do Barão de Studart, tradusido «pelo malogrado e illustre homem de lettras Alfredo de Carvalho, publica um trecho do relatorio ou notas de viagem, que Gardner escreveu e que lhe deu tão grande nomeada no mundo scientifico, relativamente á sua passagem pelo Ceará, em 1835.

São, portanto, deste trabalho os trechos seguintes, aos quaes tenho de adduzir commentarios. Gardner veio do Recife, saltou no Aracaty e subiu pela ribeira do Jaguaribe até Icó e dahi até o Crato.

As suas informações são minuciosas e muito interessantes, registrando não só as suas descobertas scientificas, em botanica e geologia, como tambem os usos e costumes da população e todos os minimos incidentes de sua viagem, feita a cavallo, á moda da terra.

A sua chegada ao Crato, o que viu e como visitou o bisavô de quem escreve estas linhas foi dicto pela maneira seguinte :

«Já era escuro quando entramos na villa; mas não tardei em achar a casa de um respeitavel lojista, Sr. Francisco Dias de Azevedo e Mello, para o qual tinha trasido cartas de recommendação. Fui convidado a entrar para a sala de visitas, onde me achei no meio de uma dusia de senhoras, todas sentadas no chão sobre esteiras; a dona da casa não tardou em fazer mil perguntas a respeito de minha pessoa e do meu paiz; descobri depois que aquellas senhoras tinham vindo dar-lhe pesames pela morte de seu sogro, occorrida na vespera.

« Si bem que nas casas mais respeitaveis do

SERTÃO haja sempre cadeiras na sala principal, poucas veses são usadas, porque a rêde é o assento favorito das senhoras, que quasi só a deixam por occasião das refeições; em geral passam o dia deitadas em rêdes ou acocoradas sobre esteiras, fumando, comendo doces e bebendo agua; as rêdes são armadas á altura de um pé e meio do chão e prestam-se assim a sophá e não raro é ver-se mais de uma pessoa sentadas nellas; á noite são vulgarmente preferidas ás camas que substituem com vantagem por serem mais frescas, o que posso attestar por experiencia propria, tendo dormido em rêdes durante tres annos.

. . . . . .

«O nivel geral da moralidade entre os habitantes do CRATO é muito baixo; o jogo absorve a maior parte do dia, e quando faz bom tempo, pode ver-se grupos de todas as classes, desde a chamada GENTE GRANDE até á mais infima, sentadas nas calçadas do lado da sombra das ruas, profundamente entregues ao jogo; os mais abastados fasem paradas com patações de prata e os mais pobres ou com moedas de cobre, ou, mais commummente com feijões; nestas occasiões as rixas são muito frequentes e geralmente resolvidas á faca. Mesmo na classe alta raro é o marido que vive em companhia da esposa; poucos annos depois de casados expellem-nas de casa e lhes dão habitação á parte, afim de poderem viver com raparigas nóvas assás complacentes, para substituir aquellas sem os laços do matrimonio. Deste modo têm elles de sustentar duas casas; entre as pessôas que vivem assim posso citar o Juiz de Direito e Juiz de Orphãos e quasi todos os principaes lojistas. Mas semelhante estado de immoralidade não é de admirar si se attender á conducta do clero; o vigario era então um velho de sessenta annos e TINHA SEIS FILHOS NATURAES UM DOS QUAES SEGUIO A CARREIRA ECCLESIASTICA, FOI DEPOIS PRESIDENTE DA PROVINCIA E É PRESENTEMENTE SENADOR DO IMPERIO, CONSERVANDO TODAVIA O SEU CARACTER RELIGIOSO. DURANTE A MINHA ESTADA NO CRATO

ELLE ALLI ESTEVE EM VISITA AO PAE, TRASENDO A AMANTE, QUE ERA UMA DE SUAS PRIMAS E OITO OU DEZ FILHOS QUE DELLA TINHA, TRASENDO MAIS CINCO DE OUTRA MULHER, FALLECIDA AO DAR Á LUZ O SEXTO.

«Alem do vigario havia na villa três padres, todos os quaes tinham filhos de mulheres com quem viviam publicamente, sendo mesmo uma dellas casada.

«Residi cerca de seis meses entre esta gente, e, em parte alguma do BRASIL, mesmo em logares onde me demorei muito menos tempo, vivi mais retrahido e fiz menos amisades; alem do Sr. Mello, a unica pessôa que visitava ERA UM FILHO DO VELHO VIGARIO, O CAPITÃO JOÃO GONÇALVES, DONO DE UMA ENGENHOCA, DUAS LEGUAS ABAIXO DA VILLA.

TRAVEI RELAÇÕES COM ELLA POR ME TER CONSULTADO A RESPEITO DE SUA MULHER, QUE SOFFRIA DE OPHTHALMIA CHRONICA; ERA UM HOMEM DE MANEIRAS AFFAVEIS E EXCELLENTE CARACTER E AINDA ME RECORDO COM PRASER DAS HORAS AGRADAVEIS PASSADAS EM SUA CASA».

Não posso deixar de, aqui, interromper o NOSSO bom Inglez. João Gonçalves, nunca foi considerado filho do vigario.

Tanta parecença phisica tinha elle com o pae, o portuguez marido de D. Barbara, que a calumnia nunca o pôde attingir. O inglez—é visivel—tanto nisto, como no numero das mulheres e filhos de José Martiniano, estava olvidado ou fôra mal e perversamente informado. Não é de admirar que o fôsse por uma sociedade, como a que descreve com tintas tão carregadas; como, tambem, não é de estranhar o vilipendio atirado á honra da heroina que tão alta se elevava naquelle meio, como já notou João Brigido.

E' ainda deste mesmo chronista cearense, numa das cartas a que já alludi, a seguinte affirmação :—

«FILHOS DE SURUBIM, PARA O PUBLICO DO CRATO, ERAM TODOS OS DE D. BARBARA, MENOS UM—O PADRE SENADOR».

José Gonçalves dos Santos, marido de D. Barbara, tinha o apellido de SURUBIM-PINTADO «porque

tinha o rosto sarapintado de botelhas», no diser do mesmo chronista.

Foi elle, realmente, um homem sem energia ou acção deante da vontade imperiosa da mulher.

E João Gonçalves, a elle em tudo semelhante, physica e intellectualmente, foi, vis-a-vis dos outros irmãos, um typo que em biologia, se poderia classificar de «recisivo».

Tristão, José Martiniano e padre Carlos, intelligentes, ousados, patriotas, herdaram o caracter «dominante» da progenitora.

A affirmação, pois, de Gardner de que João Gonçalves «era filho do velho vigario» é graciosa.

Elle que, sem duvida, não entendia bem a lingua do paiz em que era hospede recente, ampliou, talvez por sua conta, a calumnia publica attribuida á paternidade de José Martiniano.

Restabelecida a verdade sobre este ponto, ao qual tenho de voltar ainda, não me posso furtar ao desejo e á satisfação de continuar a transcrever as noticias que de meus avós e da casa onde nasci, nos deixou o insigne naturalista.

«Os olhos da senhora —continua elle—melhoraram muito com o meu tratamento e como era ella muito communicativa e de natureza amavel, tinhamos longas corversas sobre os habitos e costumes dos nossos respectivos paises. A familia consistia em duas filhas, uma das quaes era casada e morava num lugar distante cerca de dezeseis leguas, que depois visitei ...»

(Era minha avó, tambem chamada Barbara, residente a este tempo em Jardim, casada com Manoel da Cruz Rosa Carvalho.

Havia ainda mais dois filhos: um homem—João — e outra, mulher, casada com José de Sousa Rolim).

« ... a mais moça, uma bella rapariga de dezeseis annos, relutou muito em apparecer, de modo que durante as minhas duas ou tres primeiras visitas não tive occasião de vel-a; mas, segundo depois me contou a mãe, a curiosidade de ver um inglês e de com elle con-

versar, venceu, por fim, a sua timidez, de sorte que não mais evitou a minha presença; estava para casar com um irmão mais novo do cunhado de quem havia muitos annos que era noiva; na realidade é raro poderem as filhas de familias respeitaveis escolher os maridos, cabendo sempre aos paes a designação dos futuros genros».

(Ainda a vi, já velhinha; foi realmente casada com um irmão de meu avô, o qual residiu no sitio OURO-PRETO, em Salgueiro, Pernambuco, onde deixou descendencia).

«Nesta engenhoca (Pau secco) tive muitas vezes occasião de ver como se fabrica a rapadura; etc». (Faz uma descripção minuciosa da moagem da canna e cosimento das rapaduras, tal como ainda alcancei).

Ainda, no itinerario do illustre sabio, cujas informações completas não posso dar aqui, encontro noticias de um outro ascendente:

«Havendo exgotado, quanto possivel as visinhanças do CRATO, resolvi visitar uma pequena povoação, distante dalli dezeseis leguas e chamada VILLA DA BARRA DO JARDIM, com a intensão de permanecer alli algum tempo por me terem informado que nas proximidades existia um deposito de peixes fosseis. O meu amigo Capitão João Gonçalves deu-me cartas de recommendação para o Capitão Antonio da Cruz, a principal pessôa do lugar, e na tarde de 11 de Dezembro de 1838 deixei o Crato».

(Era meu bisavô, pae de meu avô Rosa Carvalho).

«Ao chegar a villa,—diz elle, depois de fasêr a descripção da chapada do Araripe e de outras occurrencias de viagem—distante quasi uma legua do pé da serra, verifiquei termos passado a casa do Capitão Antonio da Cruz, pelo que tivemos de retroceder cerca de meia legua e senti-me contrariado por não me ter melhor informado, porquanto os nossos animaes estavam muitissimo fatigados da longa caminhada sob um sol ardente.

«Chegando á casa, contigua a um engenho, fui amavelmente acolhido pelo Capitão e bem assim por

seu filho e mulher deste que era filha do meu amigo do CRATO, o Capitão João Gonçalves, com ambos os quaes eu já travára relações quando alli estiveram. Os meus animaes foram immediatamente mandados para o pasto e preparou-se o jantar para o qual eu sentia excellente appetite depois da longa jornada. Prevenidos da minha visita haviam gentilmente preparado para minha installação uma casa desoccupada na villa, para a qual, porém, não consentiram que me transportasse senão depois do almoço na manhã seguinte».

Numa sociedade tão viciada como a que descreve o naturalista inglês, com justiça ou não, como era a do Crato, naquelle tempo; e a qual ao tomar uso de rasão não mais encontrei alli,—é bom affirmal-o—é motivo de muita satisfação, para mim, ver que a minha familia pelos seus modos hospitaleiros e tambem pelos seus costumes moralisados, formando excepção naquelle meio, tanto captivou o sabio estrangeiro.

Já, João Brigido, tambem, numa das cartas alludidas, me dizia:

«Seu avô (Rosa Carvalho), homem muito de bem, dos poucos do Jardim, eu conheci desde 1850; com sua avó D. Barbinha, tratei longamente. Era uma senhora estimabilissima».

Era ella neta de D. Barbara, a quem o secretario do Instituto Archeologico de Pernambuco acha que eu *travesti* de virtuosa; que não passava de «amasia» de padre e cujo consorte «fingia de marido para effeitos de direito antigo».

Antes, porem, de voltar ainda a este assumpto, quero não deixar de uma vêz o agradecido Gardner e mostrar ao leitor, com o maior desvanecimento, como filho daquella região, o valor scientifico do sabio e das suas investigações na Serra do Araripe.

«Dois dias depois da minha chegada visitei o Capitão Antonio da Cruz de quem soubê que, no terreno da encosta, entre a sua casa e a SERRA, achavam-se seixos arredondados de calcareo que, quando partidos apresentavam restos de peixes; dois dos seus filhos acompanha-

ram-me ao local, onde fiz collecção de varias especies mais ou menos perfeitas. O logar em que eram encontrados era na fralda de uma collina baixa cerca de uma milha da SERRA; a pedra em que occorriam era um calcareo escuro e impuro; achei seixos de todos os tamanhos, mas, nenhum tão pesado que eu não pudesse levantal-o, e todos estavam mais ou menos arredondados tendo evidentemente soffrido attricto.

«O espaço que occupam é de cerca de cem jardas em quadro e alli quasi que não existe outra qualquer especie de rocha, mas, em redor o solo está coberto do mesmo modo de seixos rolados de arenito da mesma contextura do que forma a massa da SERRA. Existem depositos semelhantes ao longo da base da montanha, mas em pontos isolados como no caso presente.

«Propositalmente deixei até agora de fazer observações sobre a geologia da região em volta do CRATO e devo declarar que o que se segue é extrahido de uma memoria lida por mim perante a SOCIEDADE PHILOSOPHICA DE GLASGOW, em Abril de 1843 e depois publicada nas actas da mesma sociedade.

«No continente da AMERICA DO NORTE até hoje nada foi achado que se parecesse com greda, com as suas respectivas pederneiras; mas em NEW JERSEY, o DR. MORTON descreveu um deposito que elle considera equivalente ás jasidas de areia, inferiores ou verdes, desta formação e ao qual deu o nome de «formação de areia ferruginosa dos ESTADOS UNIDOS». Os restos fosseis que contem provam o asserto desta opinião. Com relação ao continente da AMERICA MERIDIONAL HUMBOLT affirma que não contem colite nem greda pelo facto de ainda nenhum dos viajantes que têm escripto sobre a geologia deste immenso continente, os ter encontrado; foi, pois, para mim motivo de não pequena satisfação ser eu o primeiro a descobrir no NOVO MUNDO a serie inteira das rochas que constituem esta formação, de todas as quaes colleccionei amostras».

E o sabio continua a descrever os phenomenos geologicos observados não só no planalto do Araripe,

como nas suas adjacencias e demais terras do Ceará, concluindo pela teoria do elevamento do solo neste continente, depois de duas successivas inundações geraes.

Quanto á sua collecção de peixes fosseis do Jardim (inda hoje são alli encontrados), elle termina assim:

«Parte da minha collecção de peixes fosseis foi enviada aos cuidados do meu pranteado amigo J. E. Bowman de Manchester, pouco depois de os ter encontrado; foram por elle expostos em sessão da Associação Britanica de Glasgow, onde foram vistos pelo Sr. Agassis, e, se bem que não os acompanhassem amostras das rochas, elle, mercê somente do seu caracter zoologico, immediatamente os considerou como pertencentes ás series cretaceas. E' bem sabido que este notavel naturalista divide todos os peixes em quatro grandes classes, segundo a natureza de suas escamas; duas daquellas, as Ctnoid e as Cycloid, jamais occorrem em rochas abaixo das cretaceas, e foi o conhecimento deste facto que o indusiu a considerar como pertencentes áquella formação os meus specimens, porquanto consistem principalmente em individuos das classes Ctnoid e Cycloid. Estes peixes acham-se em perfeito estado de conservação, e, como já disse, são encontrados dentro de um calcareo impuro, de côr parda; os blocos, porem, que os contem são apenas nodolos embebidos no arenito de cor amarellada. Tem, em geral, um formato aproximado ao do peixe conteudo e a materia carbonacea aggregou-se-lhes apparentemente em volta por attracção chimica do arenito quando ainda em estado tenro; estes nodolos, sendo mais duros do que o arenito, accumularam-se, com a decomposição gradual do mesmo, em varios pontos ao longo dos acclives da cadeia de montanhas, e possuo amostras tanto do lado de leste como do de oeste».

Excedi-me, talvêz, nas transcripções de Gardner, mas não pode deixar de ser justa a satisfação que experimenta quem, como eu, é descendente de uma tal familia e filho de uma tal região.

Nesta historia da paternidade de José Martiniano e, portanto, da infidelidade conjugal de D. Barbara, ha uma cousa a notar:—a indefferença com que os Alencares deixaram essa versão ganhar fóros de verdade.

Ha, nesta familia, apparecido tantos vultos illustres e nenhum, que me conste, tratou de limpar a nodoa atirada á honra da grande heroina. O proprio Senador Alencar, parece nunca ter ligado importancia ao facto, concorrendo, talvez, com tal indifferença para que mais se accentuasse a tradicção.

Orgulho desdenhoso? nojo de tocar a lama? medo de que a verdade podesse apparecer e com ella a vergonha?

Que ignorasse o labéo não se pode admittir.

Assim, é, realmente, de estranhar que José Martiniano, pelo menos, não deixasse escripto uma memoria, em que, por um meio ao menos indirecto, posesse a salvo a honra de sua mãe. Elle poderia, por exemplo, diser a rasão de ser da grande affeição que lhe dedicava o vigario Miguel Carlos:—era parente proximo de D. Barbara; era seu amigo affectuoso; seu compadre; padrinho, pae de creação, educador de seu primeiro filho! Si lhe fez algum legado poderia desassombradamente disel-o. Que mal havia nisto?

João Brigido faz, sempre, notar que os Alencares eram sobremodo orgulhosos. Achar-se-á implicitamente explicado neste sentimento de altivez ou de orgulho esse despreso pela calumnia que tambem fasia parte do seu martyriologio?

D. Barbara que fôra prêsa, processada, espoliada civilmente, injuriada, despresada, podia ser, tambem calumniada, por amor da Patria! Era mais um espinho á corôa do martyrio! Teria o filho, teriam os netos, os cearenses ou brasileiros illustres daquella geração o

direito de assim pensar? Julgo que não! Era e é preciso que se faça a luz sobre o caso, porque estou certo que o nome da heroina sairá immaculado do labéo que lhe atirou uma geração atrasada, desregrada de costumes e mais que tudo virulada de paixões politicas.

Que não têm feito, até hoje, os odios politicos no Ceará?

Posso eu, nestas linhas, defender cabalmente a heroina cearense da revolução de 17?

Em assumpto de tanta relevancia, tão melindroso, depois de decorrido mais de um seculo sobre taes personagens, só se poderá argumentar ou discutir com presumpções. Mas eu tenho mais que presumpções: sou depositario do depoimento dos meus avós, que, sempre, calorosamente, neste ponto defenderam aquella que foi victima de tantas injurias.

Como pude, em meu livro, em versos mal sonantes colloquei nos seus labios a sua propria justificação.

Peço licença para reproduzil-os aqui:

. . . . . .

E' um suplicio sem termo: a fôrca prolongada,
a tortura sem fim! Ha outra inda peor,
que de mistura vem—outra injuria maior
—é a da honra!—me cabe, entre tantos defeitos.
Sou amasia de padre e tive tantos leitos (1)
de amantes quantos são os filhos que criei!
Essa injuria mortal vem de longe, bem sei;
passa como verdade! Ai de mim! que não posso
provar minha innocencia! E nem tentar me esforço
para a lama limpar do meu nome de esposa,
e de mãe, que entre os seus, de um tal conceito gosa!
Que faser, minha amiga?—E' mandar tudo a Deus
—Elle que é bom Juiz—e bem sabe que os meus
filhos não têm porque se enojarem de mim!
Não se adora tal mãe sendo ella tão ruim!
E meus filhos, bem sabe, honrados e briosos,
são desta velha mãe, altivos, orgulhosos!
Eu os olho de frente, acolho-os no meu seio

(1) Ella propria exaggera. N. A.

sem corar, confiada, e sem nenhum receio
que duvidem de mim! A mancha não os toca.
É como recompensa ou dessa dor, em tróca,
que, sabem, me pungir, tão generosos são
que unidos inda a mim, como creança, estão.
Sou eu que nelles mando, em tudo me obedecem;—
sou na terra o poder que somente conhecem,
pois que até contra o Rei se atrevem revoltar.
A tão culpada mãe, taes filhos respeitar,
assim, jamais se viu! A confiança eu tenho
de meus filhos, e basta!

BRASILINA *admirada.*

Assim, saber eu venho que ella de tudo sabe!

D. BARBARA

Eu, sim, de tudo sei!
Pela primeira vez de tal cousa falei
bem constrangida, embora, a tão humilde amiga.
Posso amanhã morrer, mas quero que alguem diga
—mesmo que seja assim do povo uma mulher—
que da calumnia vil, sou victima! E siquer
nem della me poupou a inveja e a negra intriga
de um inimigo tal, a quem seu ódio obriga
a nada respeitar, nem mesmo a honra alheia!
Ser Liberal é toda a minha mancha feia
e pela qual respondo, assim calumniada,
porque succumbirei na fôrca ou fusilada!
Em paga desse amor á terra em que nasci
recebo um premio tal! Dir-se-á que padeci
mas não dirão jamais que a Patria reneguei!
Arrancaram-me tudo: a familia que amei,
a honra de mulher; escravos que eu criei
como filhos tambem;—a fasenda ou riquesa—
mas, do meu coração, não podem, com certeza
arrancar este amor ao meu Brasil querido!
Morrerei satisfeita! Um dia esse Partido
ha de cantar victoria; e o meu Paiz, emfim
ha de ser livre, um dia!

. . . . . .

Pará—Janeiro—1919.

JOSÉ CARVALHO.